

## A PALAVRA QUE CONTA E ENCANTA

OLIVEIRA, Shirley Maria de<sup>1</sup>  
SIQUEIRA, Giuliano Tierno<sup>2</sup>  
E-mail: shirley.oliveiras@ig.com.br

### RESUMO

Este artigo visa apresentar a importância de ouvir e contar histórias buscando estabelecer uma relação entre a minha experiência pessoal com as narrativas orais na infância numa pequena cidade do interior do Estado de São Paulo e a experiência que tenho oferecido às crianças do Centro de Educação Infantil onde atuo na cidade de São Paulo. Destaca a importância da palavra como elemento fundamental na arte de contar histórias e sua capacidade de nutrir o imaginário infantil estabelecendo laços de afetividade entre narrador e ouvintes, reafirmando as potencialidades humanas de sonhar, sentir, viver e amar.

**Palavras-chave:** Palavra. Infância. Imaginação. Memória. Experiência.

## THE WORD THAT COUNTS AND DELIGHTS

### ABSTRACT

This article intends to present the importance of the experience with stories and seeks to establish a relationship between my own personal experience with oral narratives during my childhood in a small town in the São Paulo state countryside and the experience I have offered to children of the Early Childhood Education Center where I work in the city of São Paulo. It highlights the importance of the word as a fundamental element in the art of storytelling and its ability to nourish the children's imagination establishing emotional bonds between narrator and listeners, enhancing the human capacity to dream, feel, live and love.

**Keywords:** Word. Childhood. Imagination. Memory. Experience

---

<sup>1</sup> Acadêmica – Faculdade de Conchas. Curso de Pós-Graduação A Arte de Contar Histórias – Abordagens poética, literária e performática.

<sup>2</sup> Coordenador e docente da Faculdade de Conchas - Curso de Pós-Graduação A Arte de Contar Histórias – Abordagens poética, literária e performática.

## INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a importância da experiência com as narrativas orais para as crianças como um direito à fantasia e ao encantamento cabendo às instituições de educação infantil garantir esse direito. Ressalta a importância da palavra como um dos elementos fundamentais na narração das histórias.

Apresenta um relato da minha experiência com as histórias na infância e as vivências que tenho oferecido para um grupo de crianças de 3 a 4 anos de idade do Centro de Educação Infantil (CEI) Suzana Campos Tauil, onde sou Coordenadora Pedagógica.

Atuo na rede pública de educação infantil na cidade de São Paulo desde 1982. Nesta trajetória venho observando e refletindo sobre as manifestações das crianças e os diferentes modos de viver a infância ao longo dos anos. Percebo uma forte influência dos meios midiáticos na formação e desenvolvimento das crianças alterando sua forma espontânea de ser e existir no mundo.

O modo de vida nos centros urbanos tem afetado nitidamente a cultura da criança que vem perdendo seu lugar, seu ambiente lúdico natural, ocorrendo um processo de mudança nas experiências vividas por elas. Com a redução dos espaços públicos de encontros, como a rua, as praças e os quintais, as crianças perderam a possibilidade de aprender umas com as outras, de descobrir e compartilhar experiências que se tecem entre elas. A TV vem influenciando diretamente na cultura lúdica ocupando um percentual significativo do tempo livre das crianças.

As instituições de educação infantil são segmentos da sociedade que atuam diretamente na defesa e garantia dos direitos infantis e, portanto devem implementar políticas a favor dos seus direitos buscando efetivá-los por meio de ações concretas construindo um espaço a favor da criança, sujeito de direitos. O educador deve ser reconhecido e legitimado como um agente competente e responsável na promoção desses direitos.

Assim, a esperança na preservação da cultura lúdica infantil e na garantia dos direitos das crianças encontra-se hoje na função das instituições de educação infantil e no papel dos seus educadores. Penso que podemos oferecer para as crianças um lugar onde possam viver a infância com mais

alegria, magia e encantamento. Neste sentido as histórias exercem um papel essencial, povoando o imaginário infantil com outros cenários, personagens e enredos que estão presentes nos contos, diferentes dos oferecidos pelos programas televisivos. Acredito na importância das histórias como linguagem essencial nas narrativas tecidas nos contextos de educação infantil.

No meu processo formativo com as professoras do CEI tenho estudado sobre a importância das histórias para as crianças e seu papel na construção de uma educação para a sensibilidade, buscando conscientizá-las e motivá-las a contar. Também tenho compartilhado momentos de narração de histórias onde utilizo o texto como elemento primordial da narração para as crianças. Iniciei pelos Contos Clássicos, principalmente os coletados pelos Irmãos Grimm. Esta experiência de narrar para as crianças no contexto da escola tem me oferecido muitas aprendizagens que gostaria de compartilhar por meio deste relato.

Relatarei a minha experiência com a palavra na infância e a experiência que venho vivenciando com as crianças do CEI Suzana Campos Tauil. Abordarei o sentido que as experiências com as narrativas orais tiveram na minha vida e o que venho observando das manifestações das crianças.

## **1. MEMÓRIAS DA INFÂNCIA REGADA DE CAUSOS, CONTOS, CANTIGAS: NUTRIDA PELA PALAVRA**

Minha infância foi regada de muitas histórias contadas pelo meu pai e minha mãe. As lembranças desses momentos me acompanham ao longo da vida e permanecem até hoje.

Meu pai contava histórias naturalmente, de maneira informal, no meio de uma prosa chegava um causo, um conto de assombração que ele mesmo tinha vivido. Minha mãe nos contava os contos de encantamento principalmente aos domingos. A gente acordava e se acomodava em sua cama para ouvir suas histórias.

Penso que aqueles momentos desprovidos de intenção de ensinar por parte da minha mãe ou do meu pai, mesmo sem saber, eram carregados de ensinamentos. Essas vivências me constituíram e inspiram minha trajetória como educadora.

Vivi minha Infância na roça. Meus pais eram agricultores e a vida era simples, sem livros, televisão, games, outdoors, desprovida de todos os meios de comunicação midiático e imagético do mundo contemporâneo. No final do dia a gente brincava na frente da casa e meu pai nos contava causos e contos de assombração. Contava muitas histórias do Pedro Malazartes, famoso personagem dos contos brasileiros, herói popular e cheio das artimanhas. A maneira como meu pai narrava as peripécias de Malazartes me ajudava a traçar o perfil de um personagem astuto e sabido. Os causos de assombração que contava-nos dizia que eram de verdade, tinham acontecido de fato. Ele mesmo tinha vivido muitas aventuras que envolviam lobisomens e sacis. Parecia que os seres encantados ainda viviam por aquelas bandas. A gente sentia um medo danado quando ele contava, mas gostoso de sentir. Meu pai não sabia ler nem escrever, nunca foi para a escola. Não sei onde aprendeu tantas histórias para contar e nem como guardava tantas palavras na memória. E contava de um jeito tão gostoso de escutar que a gente conseguia visualizar a história todinha. Ele também cantava umas modinhas tristes que às vezes trazia melancolia e saudade daquilo que a gente nem tinha vivido.

Não havia luz elétrica, era uma lamparina acesa abastecida de querosene. Até hoje sinto cheiro do querosene no ar. Nas noites de inverno a gente se achegava bem pertinho do fogão de lenha, e assim, bem juntinho escutava suas histórias.

Minha mãe também nos contava histórias. Eram contos de encantamento e muitas histórias onde os personagens eram bichos. Hoje encontro muitas destas histórias em algumas publicações, principalmente nos coletados por Luis da Câmara Cascudo no seu livro *Contos Tradicionais do Brasil*. Também reconheço nas publicações *As Mil e uma Noites* algumas histórias que minha mãe nos contava. Ainda hoje o som das palavras narradas por minha mãe ecoa na minha memória: “*eram sete escravos negros, sete escravos brancos, todos perfilados em frente à rainha*”. Não sabia o que eram escravos e nem o sentido da palavra “*perfilados*”, mas a força da palavra narrada me penetravam e nunca me esqueci destes momentos vividos na infância. Naquele tempo não reconhecia meus pais como contadores de histórias. Penso que nem eles se reconheciam como tal.

Assim foi minha infância, com muitas histórias, causos contos e cantigas. Cresci nesse universo, nutrida pelas palavras. E as palavras narradas por meu pai e minha mãe alimentaram meus sonhos. Levavam-me para lugares encantados que me sustentavam com doses diárias de fantasia. Essas palavras povoam a minha imaginação e me inspiram na arte de contar histórias.

Ficava envolvida por uma teia de sentidos que era tecida naquele convívio familiar simples, mas profundo. Era como um bálsamo acreditar naquelas palavras mágicas e nas imagens que surgiam por meio delas. De alguma forma estas narrativas me trouxeram ensinamentos, sonhos e esperanças. Os finais felizes dos contos e histórias me forneceram mecanismos que me ajudaram a enfrentar meus medos, anseios, incertezas e privações.

Ouvindo as histórias contadas pelo meu pai e minha mãe pude manter vivos os meus sonhos, esperanças e alegria de viver. Ao estabelecer um diálogo com a leitura de Bachelard em *A Poética do Devaneio* encontrei sentido para estas sensações. Segundo Bachelard (1988, pag. 94 ), *“Quando sonhava em sua solidão, a criança conhecia uma existência sem limites. Seu devaneio não era simplesmente um devaneio de fuga. Era um devaneio de alçar voo.”*

Pelas experiências vividas na infância tenho uma intuição de que ouvir histórias pode ser uma maneira de tornar nossa vida mais leve. Penso que por meio das histórias podemos nos abastecer de palavras e imagens que inspiram e sugerem caminhos, que ajudam a nascer sonhos indicando que a vida pode ser reinventada.

Acredito que ao oferecer vivências de narração de histórias nos contextos infantis tendo a palavra como portal de adentramento ao mundo maravilhoso, estamos oferecendo para as crianças possibilidades de experiências, compreendendo que *“ é experiência aquilo que nos passa, nos acontece ou nos toca e, conseqüentemente nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está aberto à sua própria transformação”*. (LAROSSA, 2001, pag. 21)

Tem sido este o caminho que escolhi como contadora de histórias: de me aliar com a palavra. Esta escolha foi inspirada pela minha própria trajetória de vida, pelas primeiras experiências com as palavras que, ao me penetrarem

tão profundamente, permanecem na minha memória até hoje. A palavra exerce em nós fascínio e poder, como nos diz Jorge Larrosa Bondía em palestra *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, em julho de 2001, pag. 21.

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso.

Assim, minhas lembranças são povoadas de muitas vozes: minha mãe que nos contava os contos de encantamento e repetia rezas de curar e benzer, meu pai que contava causos e cantava modinhas. Ainda pequena e sem saber identificar o sentido que se ocultava atrás de cada uma das palavras, elas acalentaram minha alma e preencheram de significados todos os meus sonhos e devaneios. Estas experiências me constituíram e as lembranças ainda fazem brotar imagens poéticas das narrativas ouvidas na infância.

Palavras que determinaram meu modo de ver e sentir o mundo, palavras que povoaram a minha imaginação fazendo com que minha infância se tornasse uma paisagem revestida de mistérios e era lá neste universo misterioso que eu me refugiava. Naquela roça desprovida de qualquer recurso material eu encontrava a possibilidade de contato com um mundo mágico, onde tudo era possível. Nestas pastagens eu me nutri, me refugiei, me fortaleci e sai pela vida buscando construir uma nova realidade. As brincadeiras, as cantigas e as histórias povoavam a minha imaginação que crescia e crescia e

de tanto imaginar, busquei um mundo novo para morar. Mas ao ouvir histórias, causos, rezas, cantigas e ladainhas para lá eu retorno.

## **2. AS INFLUÊNCIAS DA MÍDIA NO CONTEXTO INFANTIL ATUAL: O OLHAR DE UMA EDUCADORA**

A educação na primeira infância é o processo pela qual o mundo acolhe a criança e a conduz pela vida nos seus anos iniciais. Ao recebê-la apresentamos um mundo a habitar. Conduzimos essa nova vida a partir das nossas próprias lógicas existenciais até que, aparentada, possa fazer suas próprias escolhas e caminhar por si.

Como educadora acredito que as experiências lúdicas potencializam e qualificam a vivência da infância. Na minha militância educativa defendo a construção de uma pedagogia para a infância onde as linguagens do currículo sejam as linguagens da criança. Defendo que as instituições de Educação Infantil se constituam em ambientes para a vivência plena da infância por meio da arte, das brincadeiras, da literatura, da música, da poesia, das histórias tendo como cenário a natureza e como parceiros nesta trajetória educadores sensíveis e conectados com a alma infantil, próximos do espírito da criança, presentes na interação com ela, acompanhando seus gestos, ouvindo suas vozes, acolhendo suas inquietações e descobertas.

Minha grande fonte de inspiração tem sido Maria Amélia Pereira <sup>3</sup> através do trabalho que desenvolve na Casa Redonda, Centro de Estudos. Participei de encontros de formação na Casa Redonda e busco fundamentos para a minha prática nos estudos dos materiais que lá são produzidos. Esta aliança com os fundamentos do trabalho na Casa Redonda e minha convivência diária com as crianças tem inspirado minha trajetória como educadora e fortalecido a minha crença na importância de uma educação para a sensibilidade. Segundo

---

<sup>3</sup> Maria Amélia Pereira é fundadora da Casa Redonda, Centro de Estudos onde desenvolve trabalho denominado como uma Educação da Sensibilidade, Nesta proposta, o foco está na criança e na sua forma de se expressar através do 'Brincar', como sendo sua linguagem. Os pilares deste trabalho estão na compreensão da Cultura da Infância como sendo a multiplicidade e riqueza dos brinquedos de criança e da Cultura Brasileira, onde esta criança está enraizada, levando em conta o corpo, como veículo sensível e integrador.

Pereira (2013, pag. 54), “ *Temos de cuidar para, na medida do possível, não atrapalhar nem deformar a criança, valorizando o seu brincar, a sua alegria, o seu sim à vida, defendendo sua capacidade e seu modo próprio de entender o mundo.*”

No encontro diário com as crianças nestes trinta e três anos de atuação na educação pública paulistana reconhecemos a importância de olharmos para as crianças e neste encontro compreendermos a sua natureza particular, sua condição própria que se manifesta por meio dos seus gestos, suas sutilezas, suas disposições e desejos encontrando inspiração e sabedoria para construirmos uma educação mais sensível e amorosa.

Conviver com as crianças é entrar numa aventura com o desconhecido, é penetrar um mundo misterioso onde somos surpreendidos por indagações que a todo o momento nos conduzem a trilhar com coragem e ousadia um caminho onde nos vemos como experimentos da vida, que ao ser vivida vai nos apontando o rumo a seguir com o mesmo entusiasmo e seriedade com que as crianças brincam. Sem aventura não há entusiasmo, e sem entusiasmo não há vida. A energia liberada pela busca, pela indagação, pelo não condicionamento diante de nossos hábitos educacionais, abre espaço para o insight, provocando a ocorrência de ideias novas, e o convívio diário com as crianças é a força mobilizadora para o desenvolvimento de um trabalho criador. (PEREIRA, 2013, p. 75).

As crianças têm sido devoradas pelo universo publicitário e midiático e isto me provoca indagações e inquietações, demandando uma grande responsabilidade como educadora. Elas absorvem toda a herança cultural que oferecemos nos seus primeiros anos de vida, quando ainda não conseguem selecionar o que é melhor para elas. É nesse momento que são presas fáceis dos meios midiáticos, pois são facilmente atraídas pelos apelos da publicidade.

No convívio com as crianças pude observar o quanto as influências da mídia vêm afetando os modos de ser criança. Revelam-se cada vez mais consumistas, como se estivessem destituídas do seu próprio ser. Como se vivessem na superfície expostas a uma influência externa que convida para o consumo, para a superficialidade, o excesso, a provisoriade, o supérfluo. Como se vivessem ausentes de si mesmas, fora de seus corpos, agitadas,

precavidas, com aparente dificuldade de recolher-se, de se conectar com a sua intimidade, de mergulhar nas suas profundezas internas. Como se temessem o encontro mais íntimo e, portanto se lançam as forças superficiais devorados pelos apelos do mundo exterior.

Alem disso as crianças estão sendo submetidas a uma agenda de atividades programadas durante todo o dia com aulas de inglês, natação, judô não lhe restando o tempo livre para que possam viver a infância de forma mais natural e espontânea. Estas demandas de compromissos que os adultos estão impondo à vida das crianças vêm acontecendo cada vez mais precocemente, e o tempo e espaço para o lúdico e a brincadeira estão cada vez menores, impedindo que possam crescer vivendo a experiência mais importante da infância: brincando!

Segundo Lydia Hortélio, em entrevista concedida à revista Reflexão & Ação, pag. 273:

Claro, a situação geral não é favorável às crianças! Desgarrados da Natureza e de um convívio sensível e inteligente entre seus pares, elas se vêm subtraídas em sua força e possibilidades de expressão, cerceadas em sua graça e poder. Mas, paradoxal e felizmente, são elas que carregam o novo, e a esperança do Futuro! Cabe a nós abrir-lhes o caminho... Quando as coisas estão complicadas, é porque é simples: vamos LEVAR A BRINCAR... as nossas Crianças! Em meio ao desacerto geral, é isto, justamente, o que elas mais querem, mais sabem e mais podem... Vamos restituir-lhes seu verdadeiro habitat: a NATUREZA! Ela fará ressurgir o movimento contido fundo, alto, longe, perto... E, aos poucos, veremos desdobrar-se em viço e surpresas infinitas a CULTURA DA CRIANÇA, e alcançar ALEGRIA em nossas vidas.

A mudança que vem ocorrendo nos espaços urbanos tem alterado as brincadeiras das crianças, pois a infância vem perdendo seu lugar, seu ambiente lúdico natural e vem ocorrendo um processo de abandono das brincadeiras tradicionais as quais estão sendo substituídas pelos programas televisivos, jogos eletrônicos como forma de preencher o tempo livre das crianças.

A TV vem influenciando diretamente na cultura lúdica, pois representa um percentual significativo do tempo vivido pelas crianças. Já podemos observar no cotidiano das nossas instituições educativas um comportamento

infantil mais consumista e individualista. Nossa sociedade está perdendo cada vez mais seus espaços e tempos lúdicos e isso pode ser desastroso para a humanidade. Até mesmo o brinquedo vem perdendo seu valor lúdico e se tornando objeto de consumo infantil, destituindo deste todo o seu potencial humanizador e criativo.

O modo de vida das crianças nos centros urbanos oferecem poucas experiências que favoreçam a capacidade de conexão com suas imagens internas, essenciais neste momento da vida. As histórias podem oferecer referências e abrir canais de conexão com as imagens internas. Num contexto onde as crianças são saturadas de imagens prontas, a palavra narrada ainda cumpre o importante papel de alimentar o imaginário, de nos fazer recordar os ideais da humanidade, nutrindo as crianças de sonhos, poesia e magia. A palavra narrada pode ser um elemento da experiência humana a favor da infância.

Segundo Maria Amélia,

A habilidade de imaginar e sonhar é sem dúvida a mais humana de todas as nossas capacidades, e as crianças, ao contatar suas imagens internas, estão garantindo o alimento saudável ao desenvolvimento do pensamento abstrato. É justamente, nessa qualidade pertinente ao mundo imaginário da tradição oral que se encontra o mistério da alma infantil, ainda imersa numa unidade que vem sendo comprometida pela ruptura causada pela antecipação da racionalidade e pela paisagem informativa a que estão sendo submetidas. (PEREIRA, 2013, pag. 160).

Assim, compartilhar com as crianças experiências com as narrativas orais por meio das histórias e dos contos se revela como uma possibilidade de experiência individual e subjetiva que potencializa a capacidade imaginativa infantil.

### **3. RELATO DA EXPERIÊNCIA DE NARRAR PARA AS CRIANÇAS NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

Por meio do processo educativo na primeira infância promovemos o encontro das novas gerações com o mundo, o encontro das crianças com a vida. Este período da vida é um momento precioso na formação do ser humano, influenciando a construção de sua personalidade, seu caráter e seu desenvolvimento. As primeiras experiências vividas na infância permanecem inscritas em nós. Nestes primeiros anos a criança é dotada de uma capacidade de absorção de tudo que a rodeia, sendo afetada pelo mundo, pela palavra, pelas imagens e isto influencia na construção da sua personalidade.

Das experiências vividas na infância ela esboça um mapa da realidade e se desenvolve inspirada pelas referências que recebe, mediadas pelo adulto. Nutre-se dos fundamentos éticos e valores nesta primeira etapa da vida por meio da sua capacidade de absorver tudo o que a rodeia. A criança constrói percepções sobre a vida a partir dos alimentos sociais que lhe são oferecidos, acumulando experiências e aprendizagens que vão sendo acessadas ao longo de toda sua existência. Estas experiências iniciais oferecem estruturas que podem influenciar as suas futuras relações com o outro, com o seu ambiente e consigo mesmo.

A criança tem uma tendência inata a se desenvolver por meio das influências que recebe. Assim, ao chegar ao mundo, ela pode ser revestida de diversas roupagens que influenciam toda a sua formação: podemos vesti-la com nossas cores, alimentá-la com nossas palavras, rodeá-la com nosso repertório cultural e social. E generosamente a criança se entrega a tudo que lhe oferecemos, vai se introduzindo no mundo e se convertendo em uma de nós, afetada pelo ambiente se constitui e reinaugura o mundo.

Minha grande preocupação como educadora é pensar com quais nutrientes culturais e sociais as crianças estão sendo alimentadas? Quais referências de conduta humana e de condição existencial ela está encontrando?

Precisamos reconhecer que a infância é uma etapa única e singular da vida e as experiências lúdicas vividas nesta fase propiciam o seu desenvolvimento integral e se configuram como canal de exercício da sua dignidade, liberdade e expressividade. A experiência com as histórias podem ser potencializadoras da capacidade lúdica e imaginativa.

Sustentada por estas reflexões tenho buscado promover vivências significativas para as crianças para que tenham as melhores lembranças da infância e possam vivê-la com mais liberdade, alegria e sensibilidade. Dentre essas experiências venho destacando a importância de ouvir e contar histórias nos ambientes educativos da primeira infância como mais um recurso de desenvolvimento humano e de aprendizagens.

Observo que os contadores de histórias contemporâneos utilizam os mais variados recursos visuais e sonoros para manter a atenção das crianças na escuta das histórias. Criam cenários, manipulam objetos, utilizam-se de bonecos para falar com as crianças e envolvê-las nas histórias.

Estas práticas me trouxeram dúvidas e indagações: perdemos a confiança na força da palavra como elemento primordial na relação das crianças com as narrativas orais? Estaríamos então decretando o fim do uso exclusivo da palavra na narração de histórias para os pequenos? Será que as crianças da atualidade não se interessam mais em ouvir uma história que tenha como recurso apenas a presença e voz do narrador? Qual o lugar que esta experiência humana vem ocupando na vida das crianças que vivem nos centros urbanos? Será que as pessoas ainda se interessam pelo velho contador de histórias desprovido de apetrechos e linguagens cênicas? Será que a força da palavra e da presença do contador pode promover o encantamento e magia que as crianças tanto desejam e buscam? Mas, e a palavra? Não seria possível que a palavra por si promovesse o encontro entre o contador e o ouvinte promovendo a conexão da criança com voz do narrador, com seus gestos e olhares?

Movida por estas inquietações vivenciei com as crianças experiências de contar histórias, tendo a palavra como elemento fundamental. Fui apoiada e fortalecida pelas recordações que tenho das histórias que ouvia na minha infância e pela crença na palavra narrada.

As memórias da minha experiência com as narrativas orais na infância me motivam a acreditar na importância de ouvir e contar histórias. Fazem-me acreditar na força e no poder da palavra como o elemento mais importante nesta arte, pois as palavras narradas por meus pais me faziam imaginar lugares, personagens e outros enredos e cenários. Meus pais não precisavam fazer uso de nenhum outro recurso que não fosse a palavra para nos alimentar

com imagens e nos transportar para outros tempos e lugares. Minhas experiências *crianceiras* eram sustentadas pela simplicidade da vida na roça. Hoje reconheço que as palavras contidas nas histórias, cantigas, quadrinhas e nas rezas se constituíram no elemento desencadeador de todo o pensamento e aprendizagens conquistadas na infância.

Acredito que as histórias são portais que se abrem para o reencontro com a nossa humanidade. Lá encontramos espelhos para que possamos nos olhar, nos reconhecer e recordar quem somos. São alimentos para a nossa capacidade de sonhos e imaginação. A chave para penetrar estes portais é a qualidade da palavra narrada e a presença do narrador.

A imaginação serve para simbolicamente realizarmos os nossos desejos, sem estarmos presos à realidade, podendo acessar outros tempos e espaços, transitando entre o passado e o futuro, revisitando lugares distantes do aqui. Onde possamos nos afastar da realidade vivida, nos desconectar do presente para sermos transportados para o futuro, um lugar não subordinado à realidade, num lugar irreal que nos inquieta e ao mesmo tempo nos seduz.

Essas experiências com as histórias na infância exerceram em mim um fascínio pelas palavras e a minha reaproximação com as histórias se deu pelo encantamento que tenho com elas. Nos finais dos anos de 1990 participei de um curso denominado *A Arte de contar Histórias* com Stela Barbieri. Foi neste curso que me reencontrei com as histórias narradas e reascendeu em mim a fascinação que tinha pelas palavras. Ao ouvir a Stela Barbieri contando histórias, sua presença e inteireza aguçaram meus sentidos, fui submetida às lembranças e sensações da infância que a muito tempo não eram acessadas. Desde então procuro os cursos e formação na arte de contar histórias seduzida pelo desejo de reviver as experiências da infância. Porém estas experiências são revividas somente quando o narrador tem a palavra como elemento essencial na sua maneira de narrar. Gosto das palavras: encadeadas, ritmadas, intensas, dos pensamentos que elas podem desencadear e das imagens que podem suscitar.

Nas narrações que realizo na escola busco oferecer para as crianças essa mesma inteireza para que possam provocá-las a acessar outros sentidos, outras paisagens. Busco essa presença ao contar histórias para que a tranquilidade, a amorosidade e a cumplicidade se estabeleça,

harmoniosamente entre mim e as crianças, integrando corpo, mente e coração. Busco contar com o coração, para que nossas almas se encontrem na partilha dessa experiência. Quando participei da apresentação da tese de doutorado da Fabiana Rubira ela disse que quando temos a história dentro de nós, quando a sabemos *de cor, de coração, quando narrada ela sai do nosso coração e penetra o coração da criança. Mas quando decoramos a história sem que ela esteja impregnada em nós, as palavras saem da nossa boca e penetram apenas os ouvidos das crianças.*

A intenção, o ritmo e a técnica constroem passo a passo a possibilidade da presença, a capacidade de responder criadoramente a tudo que ocorre no instante da narração, com vivacidade e confiança. Confiança na potencialidade de seus recursos externos e internos, confiança na história como um presente que ele oferece a si mesmo e à sua audiência. Estar presente é poder presentear. (Machado, 2004. Pag.81)

Faço as narrações em uma sala com poucos estímulos visuais, buscando dar leveza e harmonia ao ambiente. Coloco uma mesa pequena coberta por um tecido com uma vela acesa em cima da mesa. Sempre me visto com uma roupa especial para contar histórias, um vestido longo com um lenço sobre o ombro. É um recurso que me identifica para as crianças como Contadora de Histórias, para me diferenciar da Shirley coordenadora pedagógica de todos os dias. Quando as crianças me encontram vestida assim já vão logo perguntando: - *Hoje vai ter história?*

Sempre ritualizo o início da narração com uma experiência sonora: um objeto sonoro ou mesmo entoando uma cantiga, algo que convide para a experiência. Incrível como as crianças se comportam nestes momentos, entram na sala devagar, silenciosas, contendo os gestos e impulsos corporais. Sentam-se no tapete e me olham, prontas para a história começar. O ambiente, a forma como me apresento diante das crianças para estes momentos, são rituais que marcam a passagem para um outro mundo, diferente do mundo de todo dia, penetramos juntos ao mundo do *Era uma vez* e lá nos conectamos e nos abastecemos de um substrato que nos fortalece e nos une.

As manifestações das crianças ao ouvir histórias reafirma em mim a crença no valor dessa experiência na infância. Quando narrei *Rapunzel*, na parte em que o príncipe caminha cego pelo deserto, olho para Maria de 3 anos de idade e vejo lágrimas nos seus olhos. Durante as narrações observo e reconheço nos olhares atentos e nas bocas entreabertas um fascínio pelas histórias. Sempre que termino de narrar as crianças manifestam o desejo de contar. Assim que termino de narrar elas vão dizendo: “Agora eu vou contar!” Pegam meu lenço, colocam nos ombros, sentam-se na minha almofada e iniciam a narração. Estas manifestações reafirmam o valor de contar e ouvir histórias na infância. Ao perceber o desejo das crianças de recontar as histórias, penso que a modernidade não exclui o narrador, pois é uma experiência eminentemente humana.

Acredito que ainda existe o encantamento dos pequenos pela palavra, sem adereços que chamem a sua atenção no decorrer da narração. Portanto nutrir as crianças pequenas com palavras, sejam elas cantadas, narradas ou brincadas é investir na capacidade de escuta do humano.

O convívio da criança com uma rica diversidade de histórias, cantigas e brincadeiras tem se constituído em uma fonte inesgotável de possibilidades do brincar e da possibilidade de viver a infância em plenitude. As vivências infantis com as narrativas orais tem se constituído em uma experiência significativa para as crianças por meio da diversidade de benefícios que ela oferece, da multiplicidade de coisas que ela nos apresenta, possibilitando para as crianças um cenário de descobertas: de cores, sabores, texturas, cheiros.

O processo de aprendizagem e apropriação do mundo pelas crianças se dá basicamente pelas interações destas com seus pares, adultos e com tudo o que ocorre no mundo ao seu redor. Estas primeiras experiências e interações vão se constituindo num ciclo de vida pleno de possibilidades. Suas experiências e aprendizagens culturais e sociais iniciam-se nessas interações.

Quando nos conectamos com as crianças, narrando histórias, entoando cantigas e acalantos, acompanhando suas brincadeiras e experiências lúdicas, nos tornamos mediadores do seu processo investigativo na construção do conhecimento favorecendo o seu desenvolvimento.

#### 4. A IMPORTANCIA DAS HISTÓRIAS NO UNIVERSO LÚDICO E SIMBÓLICO INFANTIL: MANIFESTAÇÕES DAS CRIANÇAS NAS EXPERIÊNCIAS COM AS HISTÓRIAS NARRADAS

Tenho observado que as práticas de contar histórias para as crianças promovem tanto experiências subjetivas, a partir da maneira como cada criança se relaciona com as imagens que o conto traz, as sensações que provoca em cada uma delas, como também coletiva, de aproximação com a voz do outro, com a alma do outro, do encontro amoroso e humanizador que a experiência nos promove.

Olhando as crianças nas experiências de escuta das histórias tenho percebido que este instante pode ser tão mágico e encantador que acalma o corpo infantil, silenciando seus gestos. Os movimentos e ruídos externos não afetam a experiência e cada criança reage de uma maneira singular. Suas expressões e reações revelam que o nosso corpo reage à narrativa, é afetado por ela, numa relação ativa de pensamento e imaginação. Segundo Regina Machado:

“O contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiências” (MACHADO, 2004, p. 27).

Tenho percebido uma mudança significativa na relação das crianças comigo após compartilharmos estes momentos. Após a história, me abraçam com demonstração de ternura e gratidão. No cotidiano da escola, me procuram mais, me pedem histórias, me convidam para participar das suas brincadeiras e vão logo me atribuindo um papel nas suas brincadeiras simbólicas: “\_Shirley, venha ser a bruxa do João e Maria, a gente já tá comendo a sua casa”. Um clima de intimidade e parceria se estabelece entre nós tornando nossa relação mais íntima e amorosa.

Percebo também uma mudança significativa nas brincadeiras simbólicas onde os personagens dos contos estão mais presentes no jogo do faz de conta.

Estas percepções me fazem pensar na importância da presença do contador de histórias nas escolas, vivendo momentos do cotidiano, mais presentes e próximos das crianças. Também me faz refletir sobre o papel das histórias como possibilidade de construção de vínculos, de aproximação, de relação de confiança e afeto.

Por meio destas vivências também pude comprovar o encantamento que as palavras ainda exercem nas crianças.

Observo que as crianças gostam da palavra com ritmo, com pausas que provocam o desejo de saber o que vem depois, de silêncios a serem preenchidos com imagens. Seus semblantes revelam um estado de entorpecimento como se a palavra fosse um cavalo alado que convida as crianças para voar para reinos distantes, cavalgar outras paisagens em busca de aventuras e encantamentos.

As experiências vividas com as crianças no CEI me fazem acreditar que as crianças que ouvem histórias cotidianamente tem sua capacidade imaginativa e criadora potencializada, desperta em si a curiosidade e promove vivências lúdicas e encantadoras. O encontro da capacidade imaginativa das crianças com o universo de personagens, enredos e cenários pertencentes aos contos é fator de grande enriquecimento para o desenvolvimento infantil.

Observo que a experiência das crianças com as narrativas orais são como um portal que se abre onde os pequenos acessam outro tempo, fora desse tempo, longe da vida cotidiana, num lugar de magia e encantamento onde tudo pode acontecer. Lá elas se abastecem e se nutrem de onde voltam transformadas, fortalecidas, encontram inspirações que as ajudam a reelaborarem suas imagens internas, resignificarem suas experiências particulares e reencontrarem o sentido de sua própria existência. Esta experiência harmoniza a criança com seus conteúdos internos, traz força e equilíbrio para viver no tempo do agora e no espaço do aqui.

Tenho observado que as crianças ainda ficam fascinadas pela materialidade da voz que narra, que se entregam ao seu ritmo e são afetadas pelas ressonâncias afetivas que ligam as palavras com a vida e se abastecem de um substrato de nutrição emocional e afetiva. Reconheço que a experiência com as narrativas orais podem ajudar os recém-chegados a este mundo a reconhecer o que conta a sua língua e se encantarem pelas palavras. Na

experiência que tenho vivido com as crianças na escola, apesar da agitação dos seus corpos, da intensidade dos seus movimentos, no momento da narração fazem uma pequena pausa e se entregam silenciosos e compassivos a escuta das histórias absorvendo cada palavra, acompanhando cada olhar e cada gesto, nutrindo-se de uma voz que possa ajudá-los a mais adiante encontrar sua própria voz. Segundo Regina Machado no momento da narração é que se desenvolve a capacidade de ouvir.

No ato de contar desenvolve-se a escuta. Saber ouvir depende de um estado que Benjamin mostrou ser cada vez mais ausente na nossa sociedade atual. As crianças não param para ouvir. Por que é importante escutar? Benjamin mesmo mostra o quanto a estória se grava na memória do ouvinte, quando ele se esquece de si mesmo, quando está envolvido no ritmo do trabalho artesanal. A escuta traz um tipo de concentração extremamente necessário para as crianças de hoje, formadas na dispersão característica da nossa sociedade. Além disso, não se diz também que o ouvido é a porta do espírito? (Machado, 1989, p. 187)

Reconheço durante a narração por meio do contato visual que se estabelece e das bocas que se abrem um clima de encantamento, entorpecidos, como se por intermédio da minha narração falassem com outro que habita neles mesmos, como se estivessem sorvendo as palavras pelos nossos olhares buscassem captar os sentimentos e emoções que a história provoca, estabelecendo entre nós uma conexão e intercambio de sentidos que os ajudam a decifrar-se. Reconheço que esses momentos se configuram como instantes de encontro de seres humanos que se comprometem mutuamente, mediante uma coreografia de palavras, ritmos e gestos.

Tenho observado um interesse significativo das crianças em serem os portadores da palavra e narrarem as suas histórias. Logo que termino de narrar, todos pedem para contar história. Atraídos pela minha voz e presença se encorajam para contar e vão experimentando tudo o que podem fazer com a própria voz. Esta manifestação tão espontânea e natural nas crianças após a escuta das histórias me faz acreditar no encantamento das crianças não só

pelas palavras, mas também pelo contador de histórias. Tanto admiram que desejam se tornar um.

A partir da experiência de contar histórias para as crianças no CEI pude observar uma mudança significativa no contexto das brincadeiras simbólicas. Os personagens e enredos dos contos estão mais presentes nas brincadeiras de faz de conta. Observo uma riqueza nos jogos simbólicos com novos enredos, personagens e cenários inspirados nos contos que partilhamos. Segundo Pereira, 2013, pag. 158, 159.

A criança, antes de ser intelecto, é instinto e sensação. Conhecer-se a si próprio nessa fase é vivenciar corporalmente as ações que a imaginação propõe como fatos reais nas brincadeiras, dando início ao constante trabalho do ser humano de criar uma ponte saudável entre o conhecido e o desconhecido, entre o consciente e o inconsciente, caminhada que marca o diferencial humano: a consciência. De repente, por ali passou uma princesa, uma bailarina, uma bruxa, uma mãe, uma madrasta. Cada uma delas, enroladas nos panos coloridos, nas saias rodadas, arruma-se diante do espelho e se descobre personagem de uma história, de um enredo. A princesa precisa ser acordada pelo príncipe depois que a bruxa a enfeitiçou. O canto, a dança, a roda, ritualizam a história que acontece na medida em que as personagens se escolhem ou são escolhidas.

O universo lúdico infantil é povoado por uma diversidade de temas, enredos, personagens e paisagens. A criança dedica grande parte do seu tempo fantasiando e imaginando. O portal do mundo maravilhoso está aberto diante de si e ela o acessa enquanto brinca. Imaginar é uma condição da essência da infância. Toda criança imagina, nutrida pelo pensamento e fantasia.

A imaginação não nos serve apenas para ativar o mundo do maravilhoso, mas também nos aparelha para a investigação e descoberta, como uma base científica que potencializa a nossa capacidade de inventar, criar e descobrir. Potencializa a nossa possibilidade de viver.

Para realizar essas viagens que a imaginação e o pensamento demandam não bastam as imagens do mundo moderno, prontas e estereotipadas, mas as imagens mentais que as crianças elaboram a partir das

suas experiências com as cantigas, histórias, brincadeiras, poemas, textos com profundos conteúdos simbólicos. Nutrida por estes conteúdos a criança se lança ao jogo do faz de conta e das brincadeiras simbólicas.

A imaginação não é como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade. Um homem é um homem na proporção em que é um super-homem. Deve-se definir um homem pelo conjunto das tendências que o impelem a ultrapassar a condição humana. (BACHELARD, 1989, PAG 17, 18).

A brincadeira do faz de conta é um dos meios pelos quais a criança se apropria do mundo adulto, resignificando e conferindo sentido a tudo que observa ao seu redor. Além disso é a maneira que a criança encontra para organizar situações psicológicas que através de sucessivas representações, ela elabora o processo, resolvendo seus conflitos internos, conquistando confiança e se tornando cada vez mais independente. Segundo Maria Amélia Pereira *“A imaginação é mediadora entre o mundo visível e invisível, por isso o nível conceitual é um instrumento insuficiente para elucidar o mundo da imaginação”* (PEREIRA, 2003, p.148). No seu processo imaginativo a criança vai alargando seus sentidos e aprimorando sua capacidade de perceber e compreender o mundo em que vive.

A imaginação é uma espécie de mensageira que transporta a energia arquetípica para o consciente, e isso se faz através do símbolo. O símbolo é o centro do coração, da vida imaginativa, que pode ser revelado, acessado, sentido e experimentado sempre que o consciente precisa religar-se a uma experiência primordial da humanidade. (PEREIRA, 2003, p.148)

A possibilidade de dramatizar e simbolizar conferindo sentido à realidade a partir de suas próprias percepções auxilia a criança no seu desenvolvimento afetivo e social. Experimentando diversos papéis encontra mecanismos de resolução de problemas e conflitos que a auxiliam a se ajustar e constituir-se ao meio social em que vive. Através dos jogos simbólicos pode

expressar a capacidade de representação e imitação, colocando em ação seu pensamento e raciocínio. Busca conferir sentido às coisas e na relação com o mundo e as pessoas torna-se um ser socializado, humaniza-se, compreende seus próprios sentimentos e desenvolve seu potencial investigativo e criador.

Ao presenciar essas brincadeiras compreendemos aspectos importantes do comportamento infantil e sua maneira peculiar de compreender o universo do mundo dos adultos. São momentos importantes de percepções de como as crianças interagem com os padrões sociais e culturais presentes na sociedade.

Como educadora tenho observado que o universo simbólico das crianças se pauta nas ações da vida cotidiana e nos contextos dos filmes e desenhos infantis. É muito comum que a brincadeira simbólica seja povoada dos personagens destes desenhos que as crianças consomem pela TV ou Vídeo. Porém estes recursos oferecidos pela TV não favorecem a conexão e contato da criança com suas imagens internas, as quais são facilmente acessadas através das experiências com as narrativas orais.

Reconheço que as experiências com as histórias tem sido fonte de enriquecimento do imaginário infantil com novos personagens povoando o faz de conta, onde as crianças buscam adereços e elementos para se vestirem como os personagens dos contos, manifestando toda a riqueza de diálogos, narrativas e gestos nitidamente inspirados pelas experiências com as histórias. Diante dessas observações podemos reconhecer a importância das histórias como um alimento para o universo simbólico infantil que promovem a rica possibilidade de sonhar e imaginar, a mais humana de todas as nossas capacidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho busquei enfatizar a importância das narrativas orais na infância e sua relação com o desenvolvimento infantil, destacando que esta linguagem deve estar presente nas experiências escolares determinando o papel das instituições de educação infantil no sentido de garantir para as crianças o direito ao sonho, a fantasia e a imaginação.

A experiência de narrar para as crianças no Centro de Educação Infantil me motivam a acreditar que cultivar a arte de contar histórias é também cultivar a arte de ouvir. Penso que contar histórias para as crianças nos ambientes educativos é uma possibilidade rica de preservar a arte de narrar.

As crianças pequenas recebem o mundo e tudo o que o povoa por meio de nossas mãos. Nós promovemos o encontro das novas gerações com a vida. Portanto viver a experiência de contar e ouvir histórias desde pequenos nos contextos educativos é se apropriar de uma cultura da humanidade, reconhecer seu valor e preservá-la.

Contemplar o envolvimento das crianças no momento das histórias e acompanhar as suas manifestações me fazem acreditar no potencial humanizador e perene dessa arte. Enquanto existir alguém que conte histórias existirão crianças que desejam ouvi-las motivadas pela fome da fantasia, da beleza, pela necessidade do recolhimento e pela fuga da aridez e ruídos do mundo moderno.

Acredito que ao penetrar o mundo do encantamento através da experiência com as histórias, ao adentrar este universo do maravilhoso, as crianças recuperam significados da existência humana que as tornam mais sensíveis, instaurando na infância de hoje um sentimento de reencantamento e, portanto de pertencimento a espécie humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo, Editora Martins Fontes, 1998.
- ..... **A Poética do Devaneio.** São Paulo, Editora Martins Fontes, 1988.
- ..... **A Poética do Espaço. In Os Pensadores,** São Paulo, Editora Abril Cultural, 1979.
- BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, nº 19, ANPED, 2001.
- CASCUDO, Luis da Camara. **Contos tradicionais do Brasil.** São Paulo: Editora Global, 1999.
- CRUZ, Maria Cristina M. Toledo. **Para uma educação da sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos.** São Paulo, Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 2006.
- GIRARDELLO, Gilka (org.). **Baús e Chaves da narração de histórias.** Florianópolis : SESC - SC, 2004.
- HAMPÄTÉ BÄ, Amadou. **Amkoullel, o menino fula.** São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.
- HORTÉLIO, Lydia. **Música Tradicional da Infância.** Revista Reflexão & Ação, pag. 273, Vol. 22, No 1, 2014.
- JAROUCHE, Mamede Mustafa. **O Livros das Mil e Uma Noites.** São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.
- MACHADO, Regina. **Acordais, fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.
- ..... **Arte Educação e o conto de tradição oral: elementos para uma pedagogia do imaginário.** Tese de doutorado, apresentada ao departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1989.
- MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PEREIRA, Maria Amélia Pinho. **Casa Redonda: uma experiência em educação.** São Paulo: Editora Livre, 2013.
- TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias.** Rio de Janeiro: Conquista, 1966.